ENSINO DE LATIM: JUSTIFICATIVAS E ABORDAGENS[1]

Leila Teresinha Maraschin[2]
Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar alguns questionamentos acerca do ensino de latim, relacionando esta língua a fatores culturais e históricos que justificam sua permanência nos atuais currículos de Letras. A partir da discussão de aspectos metodológicos, busca-se refletir sobre abordagens e materiais didáticos que podem ajudar a despertar, nos estudantes de hoje, maior interesse pelo latim, levando em conta a especificidade de uma língua clássica, restrita quase exclusivamente ao ambiente acadêmico e diferente das línguas modernas, tanto na apresentação quanto na finalidade da aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: *ensino de latim, abordagens, língua clássica*

1 INTRODUÇÃO

Durante muitos anos, a aprendizagem de conteúdos de qualquer matéria esteve limitada à reprodução de fórmulas e à imitação de modelos. Esta prática educativa, conhecida como abordagem tradicional, fundamentava-se na transmissão de um conhecimento formal cumulativo, sistematizado e apresentado ao aluno de forma acabada. Quanto ao ensino de línguas no Brasil, mudanças realmente significativas só ocorreram a partir de meados do século XX, e ainda assim apenas as línguas modernas foram contempladas. As línguas clássicas, em muitas instituições de ensino, nas décadas sucessivas ao surgimento de abordagens como a áudio-oral, audiovisual, estrutural e comunicativa, em geral permaneceram sendo ensinadas como na Idade Média, ou então tiveram seu ensino abolido por ser considerado de pouca utilidade para os novos tempos.

O ensino de latim, objeto em questão neste estudo, não raras vezes foi defendido por saudosistas como salvação para grande parte dos problemas de aprendizagem do português. Outros, ao invés, inclusive profissionais da área de Letras, possivelmente por desconhecimento do assunto, desprezam-no ou, na melhor das hipóteses, sugerem-lhe um espaço nos currículos universitários como disciplina optativa, com uma carga horária semestral excessivamente baixa.

---

[1] Este artigo é parte de pesquisa realizada no projeto *O ensino de latim nos Cursos de Letras de Santa Maria*, que está sendo desenvolvido no Departamento de Letras Clássicas e Lingüística da Universidade Federal de Santa Maria.

[2] Professora da área de Estudos Clássicos da UFSM.

Chegar a um consenso hoje parece difícil, porque não se trata apenas de rever diretrizes e currículos, implantando cursos novos aqui e ali, mas porque se precisa de reflexões históricas e metodológicas. Faz-se necessário investigar que causas teriam influenciado a perda do interesse pela cultura clássica, em especial pelo latim, bem como buscar novos meios de levar estes conhecimentos às gerações jovens. Os manuais didáticos, ou as gramáticas, não devem expiar sozinhos a culpa pela "morte" do ensino de latim, pois os livros são apenas instrumentos dos quais o professor dispõe para mediar, auxiliar, enriquecer seus conhecimentos e com isto facilitar a aprendizagem. É do professor a tarefa de dar vida aos saberes, contextualizando-os, renovando-os, buscando novos recursos e despertando o interesse dos alunos.

Esta proposta surgiu a partir da necessidade de adequar alguns conteúdos, por vezes considerados pouco atraentes pelos alunos, à realidade atual, de modo a provocar reflexões e ampliar discussões multidisciplinares. A primeira etapa do trabalho consiste em situar a disciplina de língua latina no currículo de Letras, buscando argumentos que justifiquem a sua inserção. A seguir, destacam-se os principais motivos que poderiam estar tornando seu conteúdo pouco interessante nos dias atuais e, finalmente, procura-se ampliar o diálogo sobre questões que envolvem abordagens, métodos e problemas específicos do ensino/aprendizagem de línguas clássicas.

2 O latim no currículo do Curso de Letras: justificativas

Embora a língua portuguesa, fato conhecido pela maioria dos seus usuários, constitua-se de um léxico, na maior parte, oriundo do latim, há alunos que dizem desconhecer tal origem quando, ao iniciarem a disciplina, vêem-se diante de perguntas básicas como "o que é o latim?" e "por que o estudamos ainda hoje?". Outros há que, mesmo sabendo ser o latim a língua da qual o português e também outras línguas provêm, não possuem informações suficientes sobre o processo de transformação que ocorreu através dos séculos até que estes idiomas se configurassem na forma que os utilizamos hoje. Adentramos, aqui, necessariamente, no campo multidisciplinar, pois as informações complementares são fornecidas não só pela história interna da evolução lingüística, mas, sobretudo, pelas questões sociais, políticas, culturais e geográficas, entre outras que compõem o quadro da história externa das línguas.

Deste universo de fatores que influenciaram as mudanças da língua latina depreendem-se reflexões motivadoras do interesse dos alunos à referida disciplina, porque começam a percebê-la como algo inserido em um contexto maior, com um papel a ser desempenhado, como uma das peças de um grande jogo e, por isso, com razão de estar ainda hoje no elenco dos conhecimentos essenciais que compõem um curso de Letras.

A disciplina de língua latina está na base da criação dos cursos de Letras. *Litterae*, de onde vem a palavra que ainda em nossos dias nomeia tal curso, significava, no período medieval, o estudo da língua e da literatura. E a língua era o latim (VERGER, 1999). Mesmo quando o Império romano já havia perdido seu poder e as novas nações já possuíam suas línguas nacionais, nas escolas e universidades a língua dos romanos predominava sobre os vernáculos e assim continuou durante muito tempo. O latim é a língua que guarda a história milenar da civilização ocidental. Como língua da Igreja, através dos copistas e dos mosteiros, transmitiu-nos, ao menos em parte, o legado dos povos antigos que nos deram origem. Desde os gregos, passando pelos romanos, nas suas diversas fases de produção intelectual, chegaram-nos a cultura, a literatura e a filosofia, só para citar algumas áreas.

Conforme Burke (1993, p. 48), até o início do século XVIII, os livros didáticos eram escritos, quase todos, em latim, ou para ele traduzido, caso tivessem sido escritos em outro idioma, como o árabe ou o chinês. Ainda que nesse tempo o francês e o inglês já possuíssem certo prestígio, muitos autores continuavam usando paralelamente o latim. Além dos literatos e juristas, pensadores e homens de ciência também escreviam suas obras em latim, como Galileu (*Sidereus Nuncius* e outras), Descartes (*Meditations)*, Thomas Hobbes (*De cive)*, Isaac Newton, John Locke, entre outros. Para as classes dominantes da sociedade européia, o latim era símbolo de poder e respeito, por ter sido a língua do grande império romano. Durante séculos, o grego e o latim foram línguas-paradigma, que serviram de fundamento para as novas línguas que se iam formando. Assim, de acordo com a tradição ocidental, convencionou-se que o perfil do profissional de Letras deveria ser o de um sujeito possuidor de amplo conhecimento na área das humanidades, em cuja base estão presentes a língua e a cultura latina.

Os tempos mudaram, porém. Os currículos de Letras no Brasil, que haviam sido criados, entre 1930 e 1960, sob modelos europeus, sofreram grandes alterações, necessárias, sem dúvida, para que novos conhecimentos encontrassem espaço na formação

dos futuros professores. Como exemplo mais ilustrativo, lembremos a inclusão da lingüística nos cursos de Letras, que aos poucos foi ocupando a carga horária dos estudos históricos e filológicos até que estes, finalmente, fossem excluídos dos programas, quase por completo. Não porque tivessem perdido a importância, mas talvez porque seus responsáveis se encontrassem demasiadamente acomodados em seus velhos e pouco atraentes métodos. Somando isto a questões de ordem político-institucional, como contenção de despesas, é compreensível que novas disciplinas tenham sido então priorizadas no preenchimento da carga horária dos currículos posteriores à Lei de Diretrizes e Bases de 1996, a partir da qual o ensino do latim tornou-se facultativo nos cursos de Letras (TUFFANI, 2000/2001).

Mais recentemente, o aperfeiçoamento dos meios de comunicação e o surgimento de novas tecnologias, ao contrário do que se poderia pensar, têm contribuído para revitalizar o conhecimento das línguas antigas, fazendo do latim quase uma língua comum outra vez. Na Rede Mundial de Computadores[3], vários sites utilizam-no como veículo, em especial de alguns países de línguas eslavas, que assim facilitam seu acesso às línguas do ocidente, românicas ou não, pois o léxico de origem latina se encontra também no inglês.

Em julho de 2005, a Universidade de Cambridge, na Inglaterra, realizou uma conferência[4] da qual participaram professores de diversos países, com o objetivo de discutir o ensino do latim na Europa, cujo interesse estava diminuindo, tanto por parte dos alunos quanto dos professores. Pouco depois, um projeto da referida instituição começou a revitalizar o latim nas escolas secundárias britânicas, através de aulas à distância, disponibilizando, além de livros, também CD-Rom interativo e tutores online para os 40.000 alunos beneficiados. Iniciativas como esta demonstram que o uso de novas tecnologias para resgatar o estudo do passado pode ser um caminho bem sucedido.

Por fim, a maior justificativa para a permanência do ensino do latim nos cursos de Letras é que o português, nossa língua nacional, é uma das línguas neolatinas derivadas de uma modalidade regional e popular do latim, denominada, por convenção, latim vulgar. Este latim diversificado, levado a todas as regiões conquistadas pelos romanos, onde se

---

[3] Vale conferir, por exemplo, as seguintes páginas na Internet: <http://www.alcuinus.net/ephemeris/>, <http://www.hom.shuttle.de/hom/spg/roep-140.htm>, <http://www.suberic.net/~marc/poesislatina.html>, <http://www.yleradio1.fi/nuntii/>

[4] *Meeting the Challenge: European Perspectives on the Teaching and Learning of Latin*. Cambridge, UK, july 2005. Disponível em: <http://www.cambridge.org/uk/education/secondary/classics/eu_classics/default.htm> Acesso em: set. 2006.

transformava em contato com os diferentes falares locais, era a língua não literária, usada pelos soldados, pelos comerciantes e pela população em geral. Assim, considerando a língua como um dos aspectos importantes de uma cultura, ao estudar a história da Península Ibérica, do espanhol e do português, estuda-se também o latim. Seria de grande utililidade, então, ao professor destes idiomas, bem como de Letras em geral, que tais informações fossem constituintes do seu conjunto de saberes.

3 Que abordagens utilizar?

Em primeiro lugar, é necessário fazer algumas considerações sobre a terminologia que empregaremos a seguir, para que fique claro o que se quer aqui dizer a respeito de *abordagem*. Mizukami (1986, p. 4) denomina "abordagens" no ensino as diferentes linhas pedagógicas ou tendências que podem fornecer diretrizes à ação docente, ainda que cada professor reelabore-as a partir de suas próprias vivências. Também Almeida Filho (2007) considera, em ensino de línguas, que abordagem

> é um conjunto de crenças, pressupostos e princípios sobre um conceito de ensinar e aprender uma língua, uma espécie de filosofia, uma força potencial que oriente as ações e decisões do professor nas fases do processo de ensino/aprendizagem.

De acordo com Leffa (1988), abordagem difere de método por ser um termo de significação mais ampla, referente aos pressupostos teóricos, ao passo que método relaciona-se aos procedimentos de como ensinar. Cestaro (1999), seguindo a linha de Leffa, utiliza ainda o termo metodologia como um equivalente de abordagem, pois ambos, segundo ela, envolvem as demais situações de ensino, tais como as teorias de referência, os objetivos gerais e os conteúdos. Usaremos, então, para nos referirmos ao ensino de latim no decorrer deste trabalho, o termo abordagem ou metodologia, enquanto pressuposto teórico, e método como a maneira em que os conteúdos são trabalhados, incluindo a seleção de recursos e técnicas didáticas.

A respeito do ensino de línguas, Cestaro observa que a abordagem tradicional, ou gramática-tradução, utilizada para ensinar o grego e o latim, é tida como a primeira e mais antiga metodologia. É uma concepção de ensino de línguas mortas, que considera o estudo de tais línguas um exercício mental, útil e indispensável ao desenvolvimento do espírito e que serviu de modelo exclusivo ao ensino das línguas vivas até o início do século XX. Era

feita uma transmissão de conhecimento sobre a língua, permitindo, desse modo, que o estudante pudesse ter acesso a textos literários e adquirisse domínio da gramática normativa. A base de compreensão de uma língua estrangeira era a tradução/versão, tendo o dicionário e o livro de normas, a "gramática", como instrumentos necessários ao trabalho. O léxico era estudado através de listas de palavras descontextualizadas, cujo significado era aprendido de cor. Para o grego e o latim, era preciso memorizar também o gênero e a declinação a que as palavras pertenciam.

Nesse tipo de abordagem, o aprendizado de uma língua estrangeira, ou mesmo da língua materna, era visto como uma atividade intelectual em que o maior exercício acabava sendo a memorização das regras e dos exemplos, objetivando o domínio do sistema da língua. Quanto à relação professor/aluno, o mestre era o detentor do saber, aquele que representava a autoridade perante a classe. Ao aluno restava obedecer e aprender, sem interagir nem errar.

Algumas abordagens de ensino de línguas que se seguiram a partir da metade do século XX passaram, felizmente, a considerar importante o processo e/ou as condições de aprendizagem. O aluno ganhou mais autonomia e o professor, antes autoritário, tornou-se agora mais acessível, mais motivador. E é na motivação que reside a essência daquilo que se poderia chamar de a melhor maneira de aprender uma língua, quer seja clássica, quer seja moderna.

Qualquer abordagem, método ou técnica funciona melhor quando as especificidades do objeto são levadas em conta, no nosso caso, a língua latina. Se a gramática-tradução, com seu enfoque excessivo na leitura e despreocupação com a oralidade, contribui pouco para a aprendizagem de uma língua moderna, de igual modo pouco contribuiriam para as línguas clássicas abordagens como a áudio-lingual, audiovisual e comunicativa. No entanto, como auxiliares nas aulas de latim, uma vez ou outra, alguns de seus recursos podem ser utilizados com proveito, para diversificar a apresentação dos conteúdos e minimizar o efeito negativo causado pelo estudo puramente descritivo da língua

Há décadas considera-se que, dentre os principais motivos que poderiam tornar o estudo do latim pouco atraente, estariam a falta de informação dos alunos nesse campo e, principalmente, os métodos utilizados pelo professor (ELIA, 1957, p. 13-4). Além disso, há que se levar em conta, ainda, algumas características do idioma, complexo por

natureza, para cujo aprendizado exige-se um grau maior de raciocínio, tempo e, sobretudo, concentração.

Assim, os alunos, ao iniciarem a disciplina de latim, precisam, antes de tudo, estar dispostos a assumi-la com auto-organização. E ao professor cabe indicar-lhes caminhos para que tenham acesso aos detalhes da língua e, ao mesmo tempo, vejam-na como algo que desperta a curiosidade, sem, contudo, prender-se, pura e simplesmente, ao conservadorismo de um passado que não faz mais sentido glorificar. A cultura clássica não deve ser vista como um ideal de perfeição, um mundo pronto, que precisa ser imitado por todas as gerações para formar-lhes o caráter, como se aconselhava nos prefácios de muitos manuais didáticos. Ela tem sua importância ainda hoje, sim, mas o modo como é apresentada às novas gerações necessita de uma revisão. Caso contrário, o que se verá, e que lamentavelmente já está acontecendo, é sua completa retirada do elenco dos saberes universitários.

Em nossa pesquisa, na busca de novas alternativas metodológicas para o ensino do latim, partimos das seguintes constatações:

1ª) No ensino fundamental e médio brasileiro, o latim é praticamente algo desconhecido pelos alunos. Raras são as escolas que o oferecem em seus currículos e talvez também raros sejam os professores de línguas destes níveis que o tenham estudado e que o utilizam como referência às origens lexicais ou sistemáticas do português;

2ª Os métodos de ensino das línguas modernas têm sido inovados constantemente. Quase não se leva mais em conta questões gramaticais normativas e históricas. Importa-se mais com a comunicação, o que faz com que os alunos estranhem, ao se iniciarem no latim, os exercícios de análise morfossintática e a referência às nomenclaturas da gramática tradicional;

3ª) Recursos audiovisuais e interativos, como softwares, Internet e outros, já se tornaram comuns à maioria dos estudantes de línguas. Estas ferramentas podem e devem ser utilizadas, com a devida adequação, também para auxiliar na aprendizagem do latim;

4ª) O latim possui uma especificidade, pelo fato de conter em seu léxico possibilidades várias de estabelecer relações com diversas áreas do conhecimento. No interior de cada palavra há uma história a ser desvelada, que a curiosidade, uma vez desperta, haverá de buscar.

Como disciplina que faz parte da chamada cultura humanística, o latim, precisa deixar de lado aquele seu velho status, quase divino, de paradigma lingüístico digno de ser imitado. Modelo esse que serviu de fôrma às primeiras gramáticas das línguas românicas, que dele copiaram inclusive os problemas. Há que se ressaltar, aqui, que a própria concepção de humanístico hoje deve ser entendida no sentido de algo que ajude a formar um indivíduo livre, capaz de refletir criticamente acerca da condição humana em todas as épocas, de questionar seus valores e os modelos que lhe são muitas vezes impostos como ideais (FURTER, 1979, p. 159). O humanista de hoje deve ser um *homo harmoniosus, solidarius*, alguém atento não só aos anseios de sua própria espécie, mas também, e justamente por ter-se descoberto como criatura *sapiens sapientissima*, alguém que saiba respeitar a diversidade das formas de vida do planeta. Conforme Morin (2000, p. 102):

> As culturas devem aprender umas com as outras, e a *orgulhosa cultura ocidental, que se colocou como cultura-mestra, deve-se tornar também uma cultura aprendiz. Compreender é* também aprender e reaprender incessantemente.

Para motivar os alunos ao estudo do latim não basta apenas dizer-lhes que o conhecimento deste idioma os tornará mais cultos, mais sábios, mais capazes de raciocinar. Até pode ser possível que tais predicativos realmente venham a se agregar ao sujeito-aprendiz, mas é pouco provável que o façam sem uma abordagem que leve em conta um aprendizado significativo, em que a compreensão da realidade, a integração pessoal e as inter-relações prevaleçam sobre as técnicas memorísticas e repetitivas.

O estudo do latim deve se constituir em um hipertexto, com vistas a ampliar a capacidade de observação e reflexão do aluno sobre os mais variados aspectos possíveis de serem veiculados pelo código lingüístico. Situar a disciplina no contexto em que ela surgiu na Antigüidade implica já na referência a uma série de questões que ultrapassam o estudo puramente formal da língua. Aprender latim deve ser algo bem mais dinâmico do que decorar um sistema-modelo, e ainda bem mais do que apenas declinar nomes, analisar casos e perceber alterações fonéticas e morfossintáticas. É estabelecer um diálogo entre o passado e o presente, buscando o maior número possível de inter-relações e reflexões acerca do complexo objeto que é a língua do *Latium*, procurando instrumentos que auxiliem na sua compreensão e, principalmente, levando em consideração os sujeitos que a construíram e os que a estudam. A descoberta das origens, o início da civilização romana, os aspectos culturais que vão sendo visualizados, a vida cotidiana, as classes

sociais, as guerras, tudo isso, *mutatis mutandis*, não teria a ver com nossos dias, em que ainda persistem sociedades dominadoras e dominadas, em que ainda há tantas guerras, misérias e desolações? Assim, o interesse pelo passado e suas questões se dá no sentido de confrontá-lo com o presente, e não de tomá-lo simplesmente como modelo a ser seguido.

5 O que fazer nas aulas de latim?

O ensino do latim nos cursos universitários, principalmente nos cursos de Letras, precisa ter sua especificidade levada em consideração. Línguas como português, o espanhol e o inglês, em geral já são conhecidas pelos alunos desde o ensino fundamental. Portanto, a Universidade é o lugar onde os futuros profissionais vêm, ou deveriam vir, para aprofundar o conhecimento e refletir sobre o sistema dessas línguas, bem como sobre a cultura de que fazem parte. O latim, ao invés, apresenta-se-lhes como um objeto novo e com objetivos diferentes daqueles propostos para o estudo das línguas modernas. Daí a necessidade de primeiro motivar o aluno para conhecê-lo enquanto expressão de uma civilização, para depois direcionar o aprendizado às questões lingüístico-estruturais. Ernesto Faria, há mais de cinqüenta anos, quando o latim no Brasil ainda era matéria obrigatória do nível secundário, já destacava a importância de se trabalhar com aspectos culturais e históricos nas aulas de latim:

> que o professor anime seu curso com leituras de autores latinos (...), que saiba aproveitar as próprias páginas dos autores indicados no programa, sempre que houver uma pequena digressão sobre uma questão mitológica, ou um tópico que diga respeito a uma instituição pública ou particular dos romanos. (FARIA, 1959, p. 144)

A utilização de recursos e técnicas para aproximar os alunos do latim na fase inicial do aprendizado pode ser semelhante ao que se faz para as línguas modernas, ressalvando, porém, que os objetivos não serão sempre idênticos, pois, com que interesse alguém buscaria um curso de Letras modernas para aprender conversação em latim? Nada contra quem dispõe de tempo para cultivar algumas excentricidades, como usar o latim para ler e ouvir notícias, criar blogs ou entrar em salas de bate-papo na Internet. Em países europeus há comunidades bastante numerosas que o fazem. Todavia, não é o caso da realidade brasileira, em que o conhecimento do latim está cada vez mais escasso.

Seria bem mais relevante uma abordagem do latim de um ponto de vista histórico contextualizado, como, por exemplo, ao iniciar seu estudo, motivar os alunos com questões sobre a cultura antiga, pedindo-lhes que comentem filmes, sites, livros ou outras fontes das quais tenham tido conhecimento, provocando discussões em grupo também sobre ensino/aprendizagem de línguas em geral, métodos e técnicas que já tenham utilizado, para então fazer com que percebam a diferença entre uma língua clássica e uma língua atual. Para o primeiro contato com o latim, nada melhor do que o texto, de preferência produzido pela literatura latina, mas que o aluno não o receba de forma estagnada, fria, como se uma múmia lhe fosse posta frente aos olhos.

O estudo do texto deve sempre ser precedido de alguns passos fundamentais, como, por exemplo: a elaboração de questões relacionadas à temática escolhida, visando à motivação para a análise posterior, bem como a exposição de imagens do mundo romano, enfatizando os aspectos culturais da época e condições de produção. O professor deve fornecer ao aluno informações sobre o aspecto cultural em questão; revisar, caso haja no texto, itens já conhecidos pelos alunos ou estudados em aulas anteriores. Depois disso, então, pode-se partir para a visualização dos aspectos estruturais da língua, propor a tradução do texto com comentário lingüístico, marcando especialmente aqueles pontos que têm continuidade nas línguas atuais; realizar sínteses gramaticais e culturais do assunto em questão, que pode ser feita em grupos. Convém deixar, finalmente, um espaço livre para comentários e manifestações voluntárias.

Pode-se obter um efeito mais positivo se os pontos gramaticais forem apresentados de forma indireta, priorizando a compreensão global do texto e despertando no aluno antes o interesse pela cultura romana, da qual a língua é um dos aspectos a serem explorados. Se o latim ajuda o estudante a melhor compreender as línguas românicas, isto ocorre em etapa posterior, porque, no contato inicial com a língua dos antigos romanos, a ajuda vem mesmo é das línguas atuais. Assim, fazendo-se o caminho inverso, chega-se mais facilmente até onde tudo teria começado em termos de perdas, conservações, ganhos e reorganizações do sistema lingüístico. Nesta modalidade de trabalho, aos poucos todos se sentem participantes ativos de um processo histórico constante.

Balboni (1998, p.107) chama atenção para a diferença existente entre “reflexão sobre a língua” e “ensino de gramática”. Este tem como sujeito o professor, que apresenta/descreve as normas a serem aceitas sem discutir, enquanto na reflexão sobre a

língua o professor é apenas um guia, cabendo ao aluno a descoberta e a sistematização das próprias descobertas, o que pode servir como motivação, pois, desse modo, é o aluno que constrói seus esquemas. Segundo o didata italiano, o esquema aberto da reflexão sobre a língua representa um desafio e, portanto, uma possível "fonte de prazer". Assim, o tão curioso e difícil conhecimento do latim pode se transformar em um exercício prazeroso para os estudantes.

As escolhas de como trabalhar com a língua podem sofrer mudanças de uma circunstância para outra. Ao seguirmos determinada abordagem e ao selecionarmos os aspectos de um método que consideramos válidos, ou utilizarmos técnicas que já tenhamos experimentado com sucesso, nem sempre podemos estar certos de que obteremos os mesmos resultados, pois cada situação de ensino/aprendizagem é única. Não há um esquema fechado e imutável, ainda que o objeto de estudo seja uma língua que deixou de funcionar, como o latim. O olhar de cada observador sempre vai visualizar algo singular. Conforme Leffa: "Nenhuma abordagem contém toda a verdade e ninguém sabe tanto que não possa evoluir. A atitude sábia é incorporar o novo ao antigo; o maior ou menor grau de acomodação vai depender do conhecimento prévio de cada um." (In: BOHN e VANDRESEN, 1988, p. 230)

4 Conclusão

A partir das reflexões realizadas acerca do ensino de latim, em que se discorreu sobre a importância do conhecimento deste idioma pelos profissionais de Letras, de modo particular de línguas românicas, focalizando questões históricas, culturais, metodológicas e de atividades em sala de aula, foi possível perceber como o espaço para o ensino/aprendizagem de uma língua clássica se justifica nos currículos modernos, à medida que esta é utilizada de uma maneira que proporcione discussões enriquecedoras e não apenas sirva de modelo. É óbvio que não nos cabe julgar ou tentar alterar um sistema lingüístico ou uma civilização do passado. Embora reconhecendo que boa parte dos conteúdos do latim, como também de outras línguas, mortas ou vivas, são factuais e que devem ser estudados de acordo com a especificidade de cada área, não precisamos anular o senso crítico dos alunos, limitando-os à mera repetição de fórmulas.

Ao se dividir a língua em partes para melhor observá-la, deve-se levar em conta que no texto os segmentos funcionam unidos. Tanto na interdependência dos termos integrantes quanto na contribuição dos acessórios para uma maior clareza, há funções importantes sendo exercidas. E quanto aos fatores extralingüísticos, é preciso interrogar os textos do passado, dialogar em busca de respostas, perguntar os porquês à história: Por que o latim era a língua da Igreja e das ciências? Por que as variedades regionais sofreram alterações ao ponto de se constituírem em línguas diferentes, ainda que possuindo a mesma origem? Que relação há entre os grupos de usuários do latim na Antigüidade e as comunidades de falantes das línguas atuais?

Reflexões como estas podem conduzir os alunos ao estudo dos fatos passados com maior interesse, pois assim percebem o *continuum* da história da humanidade, da qual também são e sentem-se participantes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos P. *Abordagens de ensino de línguas*. Disponível em: <http://teleduc.nied.unicamp.br/pagina/publicacoes>. Acesso em 20 jan. 2007

BALBONI, Paolo. *Tecniche didattiche per l'educazione linguistica; italiano, lingue straniere, lingue classiche*. Milano: UTET, 1998.

BURKE, Peter e PORTER, Roy (Org.*) Linguagem, indivíduo e sociedade: história social da linguagem*. Tradução de Álvaro Luiz Hattnher. São Paulo: EDUNESP, 1993.

CESTARO, Selma Alas Martins. *O ensino de língua estrangeira. História e metodologia*. 1999. Disponível em: <http://www.hottopos.com.br/videtur6/selma.htm>. Acesso em: 16 jul. 2007.

ELIA, Silvio. *O ensino do latim*. Rio de Janeiro: Agir, 1957.

FARIA, Ernesto. *Introdução à didática do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

FURTER, Pierre. *Educação e vida*. Petrópolis: Vozes, 1979.

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em lingüística aplicada*: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988. p. 211-236.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. Ed. São Paulo: ARTMED, 2002.

TUFFANI, Eduardo. Os estudos latinos no Brasil. *Clássica*. v.13/14, p. 392-402. São Paulo: SBEC, 2000/2001.

VERGER, Jacques. *Homens e saber na Idade Média*. Tradução de Carlota Boto. Bauru: EDUSC, 1999.